

MULHERES EM ATENAS, NO SÉCULO IV: O TESTEMUNHO DO CONTRA NEERA, DE DEMÓSTENES

Eduarda Tavares Peters¹

Fábio Vergara Cerqueira²

RESUMO

Na Grécia antiga, a prostituição era parte integrante da vida em sociedade e tida como algo comum e corriqueiro entre os moradores de cidades como Atenas e Corinto, sendo inclusive, legalizada e fonte de impostos para o governo. As prostitutas de então eram divididas em classes: *pórnē*, que trabalhavam em bordéis públicos e eram populares e acessíveis, as *heteras*, geralmente estrangeiras, cultas e sofisticadas, donas de muitos atributos, e as *prostitutas sagradas*, que praticavam a prostituição nos templos dedicados à deusa Afrodite, deusa do amor. O presente texto discorre sobre a vida de algumas destas prostitutas que se tornaram famosas pelo que conquistaram, bem como sobre as concubinas do período, e objetiva, através deste relato, demonstrar como era a vida de então, especialmente da mulher do período e de seu papel na sociedade.

Palavras Chave: prostituição; prostituta; concubina; mulher.

ABSTRACT

In the ancient Greece, prostitution was an integrant part of society and recognized as something common and unexceptional among the people in cities like Athens and Corinth, being even, legal and a source of taxes to the government. The prostitutes of that time were divided in classes: *pórnē*, that used to work in public brothels and were popular and accessible, the *heteras*, normally strangers, cultured and sophisticated, owners of many attributes and the *sacred prostitutes*, that practice prostitution in the temples dedicated to the goddess Aphrodite, the love goddess. This text talks about the lives of some of these prostitutes that became famous by what they have reached, as well as the concubines of the period, and it has the aim of, through this report,

¹ Graduanda do Curso de Antropologia – Arqueologia. UFPel. dudah.peters@yahoo.com.br.

² Doutor de em Antropologia, concentração em Arqueologia Clássica. Professor do Departamento de História da UFPel. Membro-coordenador do Laboratório de Estudos da Cerâmica Antiga (LECA) e do Polo Interdisciplinar de Estudos do Mundo Antigo (POIEMA). Professor permanente do Doutorado e Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Professor permanente do Mestrado em História. fabiovergara@uol.com.br.

showing the life in that period, specially the women's lives and their roles in the society.

Key Words: prostitution; prostitute; concubine; woman.

INTRODUÇÃO

Na Grécia Antiga, a prostituição era uma componente da vida cotidiana. Ao contrário do que se possa imaginar, a prostituição não era considerada um ato clandestino e sim algo presente no dia a dia do universo políade, tida até mesmo como necessária e sagrada. Nos portos das cidades mais importantes, como o porto do Pireu, em Atenas, ou em bairros como o Cerâmico, prostituição representava uma grande atividade econômica da qual provinha um imposto, como qualquer outro imposto ateniense, chamado *pornikón*. Coletores responsáveis em recolher esse imposto eram designados a cada ano pela *Boulé*. Uma parcela considerável da população que residia neste bairro estava ligada à prostituição. Além disso, espalhadas por Atenas, existiam casas de prostituição públicas, onde os atenienses podiam buscar o prazer fácil. (SALLES, 1987, p.24)

O *Contra Neera*, discurso de acusação a uma prostituta, atribuído pela tradição a Demóstenes, mas atualmente reconhecido como de autoria de Apolodoro³, constitui um dos mais valiosos e complexos testemunhos escritos sobre a condição da cortesã na sociedade grega, e em particular ateniense. Contudo, ao mesmo tempo em que ele nos permite vislumbrar aspectos variados das possíveis trajetórias de vida de prostitutas, ele nos leva a pensar a condição da mulher em um sentido mais amplo, razão pela qual a leitura deste documento nos convida a pensar não só a instituição da prostituição, mas as condições femininas na sociedade e cultura da época.

³ O discurso jurídico *Contra Neera* é uma obra de acusação a uma prostituta, onde é possível perceber diversas questões relacionadas às mulheres, principalmente atenienses. Trata-se de uma visão não apenas jurídica, mas também de cunho social sobre as funções das mulheres dentro da sociedade grega.

TIPOS DE MULHERES NA SOCIEDADE GREGA

Na *pólis* ateniense, existia uma divisão sócio-jurídica e moral das mulheres, que se baseava na tradicional divisão que se faz para o estudo das sociedades mediterrânicas antigas, entre mulheres cidadãs, escravas e estrangeiras. Chamamos de mulheres cidadãs aquelas nascidas de pais cidadãos, que possuíam o caráter jurídico de cidadãs, eram livres, porém sem direitos políticos. Além disso, eram as únicas dentre as mulheres de Atenas dignas de se tornarem esposas legítimas, de sorte que eram educadas para se tornarem esposas, aprendendo a cuidar e administrar o *oîkos*⁴. (TRIZOLI E PUGA, p.10) Como ressalta Nikos Vrissimtzis (2002, p.34), “o mundo da mulher era sua casa e sua família. Em sua casa, era a soberana absoluta; como mãe era respeitada não só por seu marido e seus parentes, mas por todos os demais”.

Na cultura grega, a mulher, nas diferentes idades de sua vida, no cumprimento de diferentes funções sociais, pensava-se que estava sob a proteção de diferentes deusas que se associavam, por meio dos seus predicados, às instituições sociais pertinentes às diferentes faixas etárias das mulheres. Assim, ao nascerem, eram protegidas por Ártemis, deusa casta da caça e dos nascimentos; após o casamento, ela passava a tutela dessas moças à Hera, irmã e esposa de Zeus, e rainha do Olimpo, deusa do casamento, da fidelidade e da maternidade (MCLEAN, 1998, p.88).

Hera é o tipo idealizado de mulher, que constitui uma aliança de lealdade e fidelidade com o seu companheiro. O modelo feminino ideal, na relação homem-mulher de uma sociedade patriarcal, a perfeita companheira para o homem grego, político e guerreiro.

O casamento era considerado, mesmo nos tempos homéricos, como o alicerce da sociedade. A família, por intermédio do casamento, constituía o principal núcleo e a base necessária para a preservação da raça. Desse modo, a importância do casamento e da família é enaltecida nos Poemas

⁴ Unidade social e de produção que comportava uma família: pai, mãe e filhos. A esposa legítima era responsável por administrar o *oîkos*. (FLORENZANO, 2001, p.1).

Homericos, e casas de Zeus e Hera, Heitor e Andrômeda, Odisseu e Penélope, como modelos a serem seguidos (VRISSIMTZIS, 2002, P.40).

O casamento simbolizava, na sociedade grega, a passagem dos noivos da juventude para a fase adulta. Além de cuidar do lar, as esposas legítimas, pelo seu caráter de cidadãs, possuíam o privilégio, e às vezes a obrigação, de participar de cerimônias de caráter privado, como casamentos e rituais fúnebres, assim como de cerimônias de caráter público, como certos festivais religiosos. Pode-se ilustrar isto através dos rituais secretos da cidade de Atenas, como é o caso de alguns ritos da festas das Antestérias, em que a esposa do arconte-*basileús*⁵, chamada *basilínna*, tinha certos encargos, justamente por ser a esposa legítima, ocupando este que era um cargo de muito prestígio. (Apolodoro. *Contra Neera* [Demóstenes] 59.14).

O ateniense que possuísse um melhor poder aquisitivo poderia ter o privilégio de obter uma segunda mulher. Ela poderia frequentar a mesma casa ou ter a sua própria casa, sustentada pelo homem a quem se ligara. Elas não eram cidadãs, de modo que não possuíam o direito à herança judicialmente, nem tampouco seus filhos eram reconhecidos legalmente como cidadãos plenos, todavia era uma prática da sociedade reconhecê-los como integrantes da família. Essas mulheres eram conhecidas como *pallakés* (concubinas) (Apolodoro. *Contra Neera* [Demóstenes] 59.15). Aspásia de Mileto foi a concubina mais famosa da Grécia Antiga, consorte de Péricles, um dos mais renomados governantes de Atenas durante século V a.C. Dizia-se que ela exercia grande influência sobre suas decisões políticas. A lei proibia casamentos entre metecas (estrangeiras domiciliadas em Atenas) com cidadãos atenienses; por conta disso, ela passou a viver como concubina. Péricles se divorciou de sua mulher para ficar com Aspásia, que era cerca de vinte e cinco anos mais moça que ele.

O status de estrangeira dava a Aspásia o privilégio de não necessitar ficar confinada ao lar. Sua casa, inclusive, era um ambiente de encontros intelectuais, frequentado por distintas personalidades de Atenas, entre elas, o próprio Sócrates, que afirmava ter aprendido a filosofia junto à cortesã milésia. O prestígio e influência

⁵ Primeiro dos arcontes, colégio de dez magistrados de Atenas, que substitui o antigo monarca.

de Aspásia sobre a cena intelectual ateniense estão testemunhados em vários autores antigos, do período clássico ao imperial, como podemos constatar:

Sócrates nutria grande admiração pelos conhecimentos filosóficos e retóricos de Aspásia (...). Considerava-a inclusive como mestre de eloquência (Xenofonte, *Econômico*, III.14. Platão, *Menexeno*, 235e-236a.). A casa de Aspásia, local de discussões filosóficas e récitas poéticas e musicais, influenciou políticos e foi freqüentada por amigos de Sócrates e suas esposas, levadas para ouvir o que Aspásia tinha a dizer (MOSSÉ, 1989:63-4. Cf. Plutarco, *Vida de Péricles*.). A obra *Sereias* de Theopompos devia fazer menção às poetisas – lembremos da comparação que Sócrates fazia entre a voz “agradável” e “suave” de Aspásia e o canto de uma Sereia (Aeliano, *Varia Historia*, 12.1.). (CERQUEIRA, 2011, p.71)

Por ter ocupado esta posição de primeira dama ateniense, acabou sendo odiada pela crença de que exercesse influência sobre a forma como o marido governava. Foi acusada de ser responsável pela Revolta de Samos (440 a.C.) contra Atenas e pela Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), o que mostra sua forte influência política e o poder que se acreditava que uma concubina poderia ter.

Sólon em seu governo (594-584 a.C.), além de implantar a democracia, a confiar na tradição do século quarto, fundou vários bordéis públicos, os *ergastéria* com preços acessíveis para a renda de todos os cidadãos atenienses (Xenarco, *O Pentathlon*, ap. Ateneu XIII.568. CERQUEIRA, 2001, p.256). Neles trabalhavam as prostitutas comuns, em sua maioria, mais conhecidas como *pórnē*, que eram escravas; por conta disso, não possuíam o direito à cidadania, estando sob a tutela oficial de um proxeneta, patrono, que poderia ser um cidadão ou um estrangeiro domiciliado. Parte da quantia adquirida pela *pórnē* era destinada ao seu proxeneta. A prostituição era um meio de faturamento como qualquer outro; por conta disso, as prostitutas pagavam altos impostos. As prostitutas populares trabalhavam sob um valor cem vezes inferior ao das heteras, que poderiam também trabalhar em bordéis privados, o chamado *hetairaion*, ou por conta própria.⁶

⁶ Para os conceitos de *ergastéria* e *hetairaion*, ver CERQUEIRA, 2001, p.256, n.849: “A casa em que viviam Neera e seu *kurio* Stephanos, na qual visitantes tinham a oportunidade de partilhar o leito com

As heteras conhecidas como prostitutas de luxo cobravam valores elevadíssimos. Eram moças belíssimas, atraentes e cultas, sabiam dançar, tocar instrumentos e inclusive tinham conhecimentos filosóficos, por conta desses fatores podendo até escolher seus próprios clientes, ao menos quando estavam na plenitude de sua beleza. Prostitutas escravas, quando alcançavam comprar sua liberdade, tornavam-se heteras, adquirindo assim estatuto de estrangeira. Nunca poderia equivaler-se, quanto a seu estatuto social, às mulheres que usufruíam o direito de cidadania, mormente se tornassem livres perante a sociedade, sendo ainda as únicas que poderiam participar dos *sympósia*⁷. (TRIZOLI E PUGA, 2007, p.5)

Diferentemente das esposas legítimas, as heteras, além do privilégio de poderem opinar e debater questões políticas, não estavam submetidas a normas de conduta em relação ao seu comportamento, ou seja, ao modo de se vestir, agir, e se comportar em público (NETO, 2010, p.51).

PROSTITUIÇÃO

Na Antiguidade, certa tradição atribuía a Sólon a criação, em Atenas, de bordéis estatais com preços regulados. Dois séculos mais tarde, na Constituição de Atenas, Aristóteles chega a apresentar o custo regulamentado destes serviços: duas dracmas (Aristóteles, *Constituição de Atenas*, 50.2.)⁸. Havia também uma tradição que o

Phano, filha de Neera, era considerada um *ergastérion*. SALLES, Catherine. *Nos submundos da antiguidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 54. O termo *hetairaion* referia-se provavelmente às casas onde se encontravam as cortesãs mais requintadas, com predicados literários e musicais; *ergasterion*, às casas públicas de prostituição instituídas em Atenas desde Sólon, nas quais homens pobres, como marinheiros e até escravos, podiam pagar uma bagatela por prostitutas que não precisavam ter uma boa educação intelectual e artística". Cf. MOSSÉ, 1989, p. 71.

⁷ Também chamado de "banquete", reuniões festivas pertencentes ao universo masculino. As mulheres retratadas nessas cenas são responsáveis pela dança, pela música, tocando quase sempre o *aulós*, e pela sensualidade. No *andrôn*, elas atendem aos convidados, servindo-lhes bebidas, comida, ajudando-nos quando embriagados, também lhes garantindo prazer e diversão (REGIS, 2004, p.2).

⁸ "Ch. Starr (1978, p. 407), em seu estudo sobre a *aulétris*, afirma que era a profissão economicamente melhor remunerada para uma mulher na antiga Atenas. Compreende-se a preocupação dos legisladores atenienses em impedir que se paguem mais de dois dracmas pelos serviços dessas musicistas (incluindo harpistas e citaristas) (Aristóteles, *Constituição de Atenas*, 50.2). Porém, como algumas delas se

colocava como fundador da democracia ateniense no século VI a.C. (NETO, 2010, p.52). Incorporando várias modificações nas estruturas sociais, foi responsável por dividir os cidadãos em classes censitárias. Alguns foram mais longe, atribuindo-lhe a responsabilidade por dividir também as mulheres em uma classificação hierárquica: as esposas legítimas para cuidar do lar, as concubinas para serviços diários e as prostitutas para o prazer. (RIBEIRO e SÁ, 2004. p.12. SALLES, 1987, p.21). Filemon, na obra *Os adelfos* (Ateneu, XIII. 565), cita:

Tu, Solon, encontraste uma lei para todos os homens. Ao que se diz, foste o primeiro a tomar essa medida salutar e democrática, por Zeus! Vendo em nossa cidade muitos jovens que sofriam os impulsos da natureza e se perdiam pelos maus caminhos, ele comprou mulheres e as instalou em diferentes bairros, prontas e dispostas a atender a todo mundo.

Com o lucro proporcionado pelo comércio dessas mulheres, Sólon construiu um Templo para “Afrodite Pandemos”, a deusa do amor, de um amor generoso, inclusivo, de “todo o povo”. (SALLES, 1987, p.21)

A maioria das casas de prostituição, previstas na legislação ateniense, localizava-se no Cerâmico, o mais célebre bairro popular de Atenas, localizado no norte da *pólis*, onde trabalhavam os oleiros. Outrora necrópole homérica e arcaica, tornou-se um bairro muito movimentado, frequentado pelos amantes das belíssimas cortesãs, que ofereciam aos viajantes e estrangeiros não só produtos cerâmicos, mas também sexo e prazeres. Em suas muralhas eram comuns declarações de amor. (SALLES, 1987, p.17). Na rua, ouviam-se gritos das prostitutas chamando os viajantes, por onde se passava, assim como relata Aristófanes (*A assembléia das mulheres*, v. 639-649 e 878-882).

tornavam muito disputadas, alguns ofereciam-lhes remuneração acima daquela estabelecida por lei, como é o caso dos metecos acusados por Hipérides (*Em defesa de Euxenippos*, 3). A remuneração de dois dracmas, fixada por lei, garantia às musicistas um salário diário que equivalia no mínimo a um dia de labuta de um trabalhador manual especializado nos finais do séc. IV (STARR, 1978, p.406, n.22).”.

As mulheres, no canto das ruas, aproximam-se dos que saem de um jantar e lhes dizem: 'Venha até minha casa, lá há uma bela garota!' E outra grita do primeiro andar: 'Venha até cá, eu tenho a mais bela e mais branca!...'
Eu, toda coberta de alvaiade, fico esperando: e, vestida com uma pequena túnica amarela, nem nada fazer, canto uma musiquinha galante, a fim de seduzir o passante.

Algumas prostitutas gregas, como Taís, Neera e Rodóps, tornaram suas histórias tão conhecidas que ao longo dos séculos foram citadas por diversos autores como Xenofonte, Apolodoro e Heródoto. Inclusive, a beleza da hetera grega é relatada em verso pelo poeta brasileiro Cruz & Sousa, em seu poema *Tulipa Real* (1893):

Carne opulenta, majestosa, fina,
Do sol gerada nos febris carinhos,
Há músicas, há cânticos, há vinhos
Na tua estranha boca sulferina.
A forma delicada e alabastrina
Do teu corpo de límpidos arminhos
Tem a frescura virginal dos linhos
E da neve polar e cristalina.
Deslumbramento de luxúria e gozo,
Vem dessa carne o travo aciduloso
De um fruto aberto aos tropicais mormaços.
Teu coração lembra a orgia dos triclinios...
E os reis dormem bizarros e sanguíneos.
(Cruz & Souza)

NEERA, O RELATO DE UMA CORTESÃ

Nikolaos Vrissimtzis, em sua obra *Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga*, afirma:

[...] o sonho de toda hetaira, mesmo da mais famosa dentre elas, era encontrar um cidadão abastado que a levasse para casa como concubina onde poderia viver comodamente uma relação semelhante ao casamento e ter filhos. Este foi o caso de Neera, que após diversas aventuras, terminou vivendo com Estéfano, um cidadão ateniense, conseguindo assim, obter ilegalmente o status de esposa legítima fato que resultou no tão conhecido julgamento (Demóstenes, *Contra Neera*) (VRISSIMTZIS, 2002, p.98).

Segundo Demóstenes (apud Onelley, 2012), Neera ingressara cedo ao mundo da prostituição, sendo comprada por uma liberta de nome Nicareta que, desde jovem,

aliciava meninas, alugando-as a políticos e intelectuais em Atenas. Neera costumava andar na companhia da jovem prostituta Metanira, amante do orador Lísias, que lhe deu a oportunidade de participar dos Mistérios de Elêusis.

Como era muito bonita e atraente, chamava atenção, por conta disso, recebia muitos presentes, jóias, viagens de seus amantes ricos e famosos. Apolodoro destaca a existência de quatro outros amantes, o poeta Xenoclides, o ator Hiparco e mais dois outros, que teriam alugado temporariamente Neera por meio de um contrato, uma prática comum e reconhecida por lei, conforme atesta o discurso de Apolodoro (*Apolodoro. Contra Neera* [Demóstenes] 59.26).

Tempo depois Neera veio a conhecer Frínion, que posteriormente comprou sua liberdade. Segundo relatos Frínion a maltratava e a mantinha em condições degradantes, o que lhe causou a fuga para Mégara em 371 a.C., onde conheceu Estéfano, que a reconheceu como esposa legítima, o mesmo fazendo com os filhos dela, inscrevendo-os ilegalmente em sua fratria em Atenas.

O direito de cidadania, ilegalmente dado à filha de Neera, mais conhecida como Fano, dava-lhe o privilégio de se casar legalmente, de dar à luz cidadãos e de participar da vida religiosa e social local.

A pretensa união matrimonial de Neera e Estéfano proporcionava vantagens ao casal: à hetaera simbolizava sua segurança e de seus filhos; e a Estéfano, representava uma garantia de companhia gratuita de uma bela cortesã e o sustento de toda a família.

Porém, ao tomar conhecimento da união ilegítima do casal, Frínion instaurou uma ação jurídica contra Estéfano, acusando-o de ter raptado sua antiga acompanhante e de estar desfrutando de seus bens, roubados por Neera quando fugira.

Para poder resolver a reivindicação de Frínion, Estéfano propõe um acordo, no qual ficaria estabelecido que a cortesã entregasse os bens roubados do mesmo e

passaria dias alternados na casa dos amantes, de modo que ambos se tornariam responsáveis pelo seu sustento.

Outros atos ilegais continuavam a ser praticados pelo casal, que lhes custavam acusações, sempre confirmadas pela presença de testemunhos. No entanto, quando Neera e Estéfano conseguiram concretizar o segundo casamento de Fano com outro cidadão ateniense, Teógenes, eleito por sorteio para o cargo de arconte-rei, sacerdócio que durante um ano se responsabilizava pela celebração de sacrifícios da maior importância para a cidade, essa teria vindo a ser a prova máxima de atrevimento contra as leis de Atenas.

Por volta de 343-339 a.C. Neera é acusada por Apolodoro de ter realizado um matrimônio com um ateniense, o orador Stéfanos, que foi acusado de introduzir em sua fratria filhos de uma estrangeira que foi prostituta de luxo e, não bastando isso, para agravar a situação, foi acusado ainda de ter dado em casamento a cidadãos ateniense, por duas vezes, a filha daquela (Apolodoro. *Contra Neera* [Demóstenes] 59.13).

O tribunal teria atribuído a ambas as partes envolvidas no casamento ilegal a seguinte punição: Neera, por falsificar o estatuto de cidadã, seria vendida como escrava, voltando a sua condição original; Estéfano seria multado em mil dracmas e punido com *atimía*⁹, por ter dado a filha de Neera em casamento a dois atenienses.

RODÓPS, UMA VIAGEM AO EGITO

Além de Neera, outras heteras foram muito famosas na Grécia, uma delas chamava-se Rodóps, conhecida pela sua beleza inigualável e por ter conquistado uma fortuna com a prostituição. Originária da Trácia foi serva de Iádmon, filho de Hefestopólio. Segundo o historiador Heródoto, a hetera viveu no século VI a.C., entre 570 e 526 a.C., período em que Amásis reinava sobre o Egito (RODRIGUES, 2008).

⁹ Perda dos direitos cívicos. Informações retiradas do site:
<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAFNjEAK/apostila-filosofia-juridica> .

Segundo Heródoto (*Histórias*, II), Rodóps foi levada para o Egito por Xanto de Samos para trabalhar como prostituta, porém foi libertada por uma alta quantia, por um homem de Mitilene, chamado Cáraxo, filho de Escamandrónimo e irmão de Safo, a poetisa. Havia boatos de que ela seria a amada do mesmo (RODRIGUES, 2008).

Na Grécia Antiga, as cortesãs e prostitutas eram amiúde conhecidas por nomes que provinham de suas qualidades profissionais, como Drósida, a “refrescante”, Glicera, a “doce”, ou Rodóps, a “rosto de rosa”. Segundo estudos, não se sabe ao certo quem foi de fato Rodóps. Heródoto se refere a ela como uma hetera, mas ela também poderia ter sido uma *pórnē* cujo seu nome de trabalho se atribuiria a *rosto de rosa*.

Diodoro Sículo, um autor do século I a.C., afirmava que uma das pirâmides do Egito era o túmulo de Rodóps, hipótese lembrada, mas rejeitada já no século V a.C., por Heródoto, e que continuava a circular até meio milênio mais tarde. Nessa época, Estrabão acreditava na idéia de que Rodóps teria sido uma das responsáveis por erguer uma das pirâmides.

Nesse período, vários autores da época, como Eliano e Heliodoro, criam suas histórias tendo Rodóps como personagem protagonista. Nuno Rodrigues (2008. p.121) conclui que: “o sucesso e a fama de Rodóps que se configura na sua reutilização no texto de Heliodoro, um milênio quase após a mais que eventual, cremos, existência da hetera Rodópis. Em segundo lugar, a recepção de um tema egípcio num texto grego que só se pode explicar pela transmissão oral do assunto, bem como pela interculturalidade gerada pela convivência entre Gregos e Egípcios, desde a fundação de Náucratis e depois da hegemonia alexandrina. Rodóps confirma-se assim como um êxito de interculturalidade”.

A prostituição era um tipo de comércio que se podia encontrar em todo o mundo antigo, apesar de as trabalhadoras desse ofício não nos terem deixado muitos vestígios acerca dele. De qualquer forma, Rodóps é testemunha de que também era possível, para algumas mulheres, além de conseguirem sobreviver em um mundo estruturalmente masculino, imporem-se nele.

Histórias de vida de algumas prostitutas gregas são do nosso conhecimento, como por exemplo de Neera; entretanto, nenhuma parece mostrar um êxito tão grande na sua vida profissional como Rodóps.

PROSTITUIÇÃO SAGRADA

Em vários registros históricos, encontra-se ainda outra forma de prostituição, praticada não só pelos gregos, mas também por outros povos do Oriente Médio (como egípcios, mesopotâmicos, babilônicos e persas): a chamada de Prostituição Sagrada. (CECCARELLI, 2008, p.2)

A Prostituição Sagrada ou *Hierà Porneía* era um fenômeno religioso, restrito aos templos e locais sagrados, como forma de culto a Afrodite, deusa grega da paixão. Através de relações sexuais com as *hierodoúlai* (servas sagradas), em honra à divindade e mediante a pagamento, gregos e viajantes buscavam o prazer e contato com o transcendental. Acreditava-se que elas eram esposas dos deuses e, portanto poderiam lhes conceder bênçãos, proporcionar fertilidade e prosperidade, além de poder interpretar as vontades divinas. Na Grécia, conforme registros históricos, haviam centros de prostituição sagrada nas cidades de Corinto, Pafos e Ámato, em Chipre. (RIBEIRO, 2012).

Não raro, garotas começavam a se prostituir já aos doze anos, sacrificando a sua virgindade em forma de louvor e devoção, buscando serem agraciadas pela deusa. Algumas vezes, inclusive, a prostituição sagrada era uma forma de se obter dinheiro para o dote do casamento:

Afrodite não só outorga o prazer do amor, mas que esse prazer é também seu mandamento divino, de sorte que ele é lícito se promovido para cultuá-la. Se, pela prostituição (não-depravação), as donzelas obtinham o seu dote, era promovido o casamento e, por consequência, realizava-se um ato de piedade; e se as garotas, que se entregavam, em troca de dinheiro, colocavam seus lucros no tesouro do templo, isso era, por igual, ato de piedade, desde que isso fosse considerado uma oferta de gratidão à deusa (Afrodite), a qual era a fonte de toda beleza feminina, de toda maturidade (ULLMANN, 2005, p.109).

Justamente pela busca do prazer ser algo legítimo, o ato sexual com as Prostitutas Sagradas era uma forma de unir sexualidade e espiritualidade. Havia também a crença de que Afrodite encarnava nessas mulheres e, desta forma, ocorreria uma junção do físico com o espiritual, provocando um sentimento misto de desejo e respeito nos homens e proporcionando um bem-estar que não era sentido fora desses templos:

Quando a Deusa encarnava na Prostituta Sagrada, ela transmitia o prazer sexual divino, e por assim o ser, absoluto, capaz de transformar em arte de amar os rudes instintos animais do estranho. Nessa união da Prostituta Sagrada com o estranho, efetivava-se a junção do espiritual com o físico e transcendia-se o pessoal para se penetrar no ser divino. As emoções humanas e as energias corporais criativas uniam-se com o suprapessoal. Assim o estranho tocava as forças regenerativas básicas porque acreditava que a deusa estava encarnada naquela mulher carnal através da qual se uniam forças tônicas e espirituais que garantiam a continuidade da vida e do amor (RIBEIRO, 2012, P.5).

Um dos locais onde se tem maior registro da Prostituição Sagrada é em Corinto, uma cidade portuária que recebia muitos viajantes e comerciantes da região asiática, que ali buscavam atingir prazeres divinos através de relações sexuais com as prostitutas sagradas. Justamente pela quantidade de marinheiros que era atraída para a região, infere-se que não somente motivos religiosos estimulavam esse ritual. De acordo com Ulmann, “por seus costumes, por sua riqueza, seu luxo e reputação de libertinagem, Corinto permanece para sempre a cidade dissoluta por excelência. Ela apresenta uma estranha mescla de luxúria e sacralidade” (ULMANN, 2005, p.112). Afirma ainda que, “consoante Estrabão (63 a.C. - 21 d.C.), havia mais de mil heteras a serviço de Afrodite, no templo, em Corinto, as quais formavam uma classe à parte” (ULMANN, 2005, p.1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto acima apresenta uma categorização social sobre as mulheres na Grécia antiga, e em especial em Atenas e Corinto, bem como o papel delas na sociedade, em particular das prostitutas. Com efeito, demos maior atenção às heteras, com breve relato e reflexão sobre Neera e Rodóps.

A prostituição ganhou impacto em Atenas com a legislação de Sólon sobre a mesma, que tinha como finalidade uma medida de saúde pública, conforme os conceitos político-étnico-religiosos vigentes, destinada a preservar a pureza da raça. Seu enfoque incluía proteger a castidade das mulheres livres e garantir a descendência dos cidadãos (SALLES, 1987, p.21).

Contraopondo-se à prostituição como busca de prazer fácil, a prostituição sagrada trazia uma visão diversa, acreditando-se que proporcionava uma união entre o sexual e o espiritual.

BIBLIOGRAFIA

Sites consultados

www.iscsp.utl.pt/~cepp/lexico_grecoromano/basileus.htm

Referências literárias

Aeliano, *Varia Historia*, 12.1.

AELIAN. **Historical Miscellany (Varia Historia)**. Edited and translated by Nigel G. Wilson. Harvard: Loeb Classical Library, 1997.

Aristófanes. *A assembléia das mulheres*, v. 639-649 e 878-882.

ARISTOPHANE. **Théâtre Complet**, 1. Traduction, introduction, notices e notes par Marc-Jean Alfonsi. Paris: GF-Flammarion, 1995 (1966).

Aristóteles. *Constituição de Atenas*, 50.2.

ARISTÓTELES. **A Constituição de Atenas**. Tradução e comentários de Francisco Murari Pires. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

Apolodoro. **Contra Neera**. [Demóstenes], 59.

APOLODORO. **Contra Neera [Demóstenes], 59**. Tradução de Grória Onelley, introdução, notas e índice de Ana Lúcia Curado. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011, p. 73-130.

Filemon. *Os Adelfos*, apud Ateneu, XIII.565.

Xenarco. *O Pentathlon*, ap. Ateneu XIII.568.

ATHENAEUS. **The Deipnosophists**. Translation by Charles Burton Gulick. 7 volumes. Londres: William Heinemann Ltd. / Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1959.

Heródoto. *Histórias*, II.

HERÓDOTO. **História**. Introdução e Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília, Ed. UNB, 2a ed, 1988.

Platão, *Menexeno*, 235e-236a.

PLATON. **Oeuvres complètes**. Traduction nouvelle et notes par Léon Robin. Bibliothèque de la Pléiade, Paris : Librairie Gallimard, 1959.

Plutarco, *Vida de Péricles*.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas**. Βίοι Παράλληλοι. 4 vols. Tradução de Gilson César Cardoso. São Paulo: Ed. PAUMAPE, 1991. (Alcibíades, Címon, Licurgo, Nícias, Péricles)

Xenofonte, *Econômico*, III.14.

XENOPHON. **Memorabilia. Oeconomicus. Symposium. Apology**. Translated by E. C. Marchant, O. J. Todd. Londres: Loeb Classical Library, 1923.

Referências bibliográficas

CECCARELLI, P.R. Prostituição – Corpo como mercadoria. **Mente & Cérebro – Sexo**, v. 4 (edição especial), dez. 2008. Extraído de:
<http://ceccarelli.psc.br/pt/wpcontent/uploads/artigos/portugues/doc/prostituicao.pdf>

- CERQUEIRA, F. V. A polissemia dos “concertos no gineceu” na iconografia dos vasos áticos do quinto século: amor nupcial ou vida intelectual? In: BRUNO, M.C.O.; CERQUEIRA, F.V.; FUNARI, P.P. (editors) **Arqueologia do Mediterrâneo Antigo: estudos em homenagem a Haiganuch Sarian**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP) / FAPESP / SBEC, 2011, p. 63-83.
- CERQUEIRA, F.V. Música e gênero no banquete: o registro da iconografia ática e dos textos antigos (secs. VI-V a.C). In: LESSA, F.S.; BUSTAMANTE, R.M. (Orgs.) **Memória & Festa**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2005, p. 37-47.
- CERQUEIRA, F.V. **Os instrumentos musicais na vida diária da Atenas tardo-arcaica e clássica (540-400 a.C.)**. O testemunho dos vasos áticos e de textos antigos. 3 vols. Tese de doutoramento (2001). São Paulo, Universidade de São Paulo. 2001.
- FLORENZANO, M.B.B. **Pólis e oîkos, o público e o privado na Grécia Antiga**. S.P.: Labeca – MAE-USP, 2011, p.1-5. Extraído de:
http://labeca.mae.usp.br/sites/default/files/uploads/shared/pdf/florenzano_polis_e_oikos.pdf
- MCLEAN, A. **A Deusa Tríplice**. Em Busca do Feminino Arquetípico. São Paulo: Cultrix, 1998.
- MOSSÉ, Cl. **La femme dans la Grèce antique**. Paris: Albin Michel, 1989.
- NETO, E.M.G. Educação feminina, prazer e poder em Atenas (séculos VI-IV a.C.). **PHOÏNIX**, Rio de Janeiro. 2011, p.51-81. Extraído de:
http://www.revistaphoenix.com/phoenix20112/artigo004_edsonneto.pdf
- ONELLEY, G.B.O estatuto social da cortesã no *Contra Neera*. **Todas as Musas**. São Paulo. Ano 03, Número 02. Jan-Jun 2012. Extraído de: http://www.todasasmusas.org/06Gloria_Braga.pdf
- REGIS, M.F.B. **Mulheres nos symposia**: representações de *hetairai* na cerâmica ática. **ANAIIS DO XVII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA**. O lugar da História. ANPUH/SP-UNICAMP. Campinas, 2004. CD-Rom. Extraído de:
<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/Paineis/Maria%20Fernanda%20Brunieri%20Regis.pdf>

- RIBEIRO, M.G.O. **Arquétipo da prostituta sagrada na poesia brasileira moderna – XIII Encontro da ABRALIC. Realize, Campina Grande, 2012. Extraído de:**
http://editorarealize.com.br/revistas/abralic/trabalhos/ac1a39079a5099b4564f1d6bd60a94e2_450_223_.pdf
- RIBEIRO, F.B.R.; SÁ, J.M.O. **Interrogando a prostituição: Uma crítica radical aos discursos hegemônicos.** Lisboa, 2004. Extraído de:
http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628c4f204e34_1.pdf
- RODRIGUES, N.S. **Rodópis no país dos faráos: Itinerário de uma hetera grega.** *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Griegos e Indoeuropeos*, 19: 115 – 124. Lisboa, 2009. Extraído de: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3120882>
- SALLES, C. **Nos Submundos da Antiguidade.** São Paulo: Brasilense, 1987.
- STARR, Ch. An evening with the flute-girls, **La Parola del Passato**, p. 401-10, 1978.
- TRIZOLI, T.; PUGA. V.L. Estudos e representações artísticas da noiva e prostituta. Séculos XIX a XXI. **Horizonte Científico**, v. 1, p. 1-22, 2007. Extraído de:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/3841/2846>
- ULLMANN, R.A. **Amor e sexo na Grécia antiga.** Pelotas: Edipucrs, 2005.
- VRISIMTZIS, N. A. **Amor, sexo e casamento na Grécia Antiga. São Paulo: Odysseus, 2002.**